

**30 ANOS DA ECOPEDAGOGIA:  
BREVE ENSAIO SOBRE ORIGEM E REINVENÇÃO**

**30 YEARS OF ECOPEDAGOGY:  
BRIEF ESSAY ABOUT ORIGIN AND REINVENTION**

Ivo Dickmann<sup>8</sup>

**Resumo:** Esse ensaio é uma introdução à Ecopedagogia e ao processo que está em curso de reinvenção e estabelecimento de novas bases teóricas e práticas, diante dos desafios do tempo atual em que vivemos. Partindo da leitura aprofundada e da discussão de teóricos que identificamos como originários, buscamos responder a uma questão: o que é a Ecopedagogia? Para responder à pergunta, o texto foi dividido em três partes: 1) sobre as origens latino-americanas da Ecopedagogia, há 30 anos; 2) os caminhos da Ecopedagogia ao longo dos seus 30 anos; 3) o processo de reinvenção da Ecopedagogia com base nos três pilares de crítica: o patriarcado, a modernidade e o capitalismo. Encerramos o ensaio com um conjunto de proposições para uma caminhada coletiva visando a constituição da Ecopedagogia como campo de investigação.

**Palavras-chave:** Ecopedagogia. Origem. Reinvenção.

**Abstract:** This essay is an introduction to Ecopedagogy and the ongoing process of reinvention and establishment of new theoretical and practical bases, given the challenges of the current time in which we live. Starting from an in-depth reading and discussion of theorists we identify as originating, we seek to answer a question: what is Ecopedagogy? To answer the question, the text was divided into three parts: 1) on the Latin American origins of Ecopedagogy 30 years ago; 2) the paths of Ecopedagogy throughout its 30 years; 3) the process of reinventing Ecopedagogy based on the three pillars of criticism: patriarchy, modernity and capitalism. We close the essay with a set of propositions for a collective journey aiming at the constitution of Ecopedagogy as a field of investigation.

**Keywords:** Ecopedagogy. Origin. Reinvention.

---

<sup>8</sup> Pós-doutor em Educação pela Uninove-SP, doutor e mestre em educação pela UFPR. Graduado em Filosofia. Professor do Programa de Pós-graduação em Educação (mestrado) e do Programa de Pós-graduação em Ciências da Saúde (mestrado e doutorado) da Universidade Comunitária da Região de Chapecó - Unochapecó. Líder do Palavrção: grupo de pesquisa em educação. E-mail: [educador.ivo@unochapeco.edu.br](mailto:educador.ivo@unochapeco.edu.br) ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6293-8382>

**Primeiras palavras: marco zero**

O tema da Ecopedagogia não é uma questão fácil, geralmente me fazem a mesma pergunta: Afinal, o que é a Ecopedagogia? Ou ainda, de outra forma, uma que também é muito recorrente: Quais as diferenças entre Ecopedagogia e Educação Ambiental?

Este breve ensaio é uma tentativa de responder a estas perguntas – o que acredito que seja uma tarefa para mais de um texto, como venho explicitando nos momentos em que sou chamado para falar sobre a temática. A reinvenção da Ecopedagogia é uma missão que assumimos para a vida inteira, além do mais, não se faz isso sozinho, mas num trabalho coletivo, de muitas mãos, de homens e mulheres que se debruçam, de forma sistemática, sobre o estudo das suas origens (parte um), de sua trajetória com seus autores e obras de referência (parte dois) e, por fim, a explanação do processo, que ousamos iniciar em meados de 2017, de reinvenção da Ecopedagogia depois de vinte anos de um quase esquecimento do tema (parte três).

Assim se constitui o itinerário da reflexão que buscamos neste ensaio, escrito especialmente para a Revista Aleph que propõe nesse número discutir o tema Educação e Democracia: permanências e transformações no mundo contemporâneo.

O que caracteriza a Ecopedagogia? Aos neófitos e neófitas que pretendem conhecê-la, espero que neste texto os leitores e leitoras tenham aqui uma chave inicial para entrar na sua história e trajetória e se sentirem instigados a seguirem pesquisando sobre a temática – sem querer construir uma “igrejinha ecopedagógica” de forma proselitista, ou buscar seguidores, mas sim, como um semeador que espalha as sementes em solo fértil.

De modo prático, para darmos a devida importância que o tema necessita, temos um grupo de pesquisa, o Palavração, que se encontra quinzenalmente para estudar capítulo por capítulo da obra capital de Francisco Gutiérrez e Cruz Prado sobre a temática: *Ecopedagogia e cidadania planetária*. Esse movimento tem como foco a esperança de que possamos compreender melhor as perspectivas dos autores, aprofundando nossos saberes para podermos dar nossa contribuição de forma consistente a esse pensamento latino-americano, de modo rigoroso cientificamente e, ao mesmo tempo, realizando um exercício prático de ternura e intuição, majoritariamente feminino, que fazemos coletivamente nos encontros.

Não estamos postulando que essa é a melhor maneira de estudar a Ecopedagogia, mas acreditamos que com esse rigor, especialmente nessa fase inicial, precisamos retomar as obras de referência para compreendermos melhor o que não foi percebido na primeira leitura. É preciso destacar aspectos e conectá-los às pesquisas que estamos conduzindo, seja na iniciação científica, nas monografias, nos mestrados, nos doutorados ou nos pós-doutorado. Além disso, estamos reunindo um conjunto de outras referências em português, espanhol e inglês que ainda serão objeto de análise e reflexão para a produção da Ecopedagogia nesse tempo de permanências e transformações do mundo atual: um novo tempo.

## 1. Origens da Ecopedagogia

A Ecopedagogia começou a ser pensada e desenvolvida nos anos de 1990, mais especificamente em 1992 (30 anos, em 2022), na Costa Rica com Francisco Gutiérrez e Cruz Prado (2013) e no Brasil a tradução do livro se deu no final da década de 1990. No início do ano 2000, surge a obra de Moacir Gadotti: *Pedagogia da Terra*. Estes dois livros inauguram o que hoje chamamos de Ecopedagogia, tanto que não é possível produzir ou falar sobre o tema sem passar por esses escritos. Ao mesmo tempo, numa herança ligada à Teologia da Libertação, dois livros de Leonardo Boff se destacam: *Saber Cuidar* e *Ecologia: Grito da Terra, Grito dos Pobres*.

O surgimento da Ecopedagogia, por ser recente, é muito fácil de ser delimitado e nos garante certa condição de perceber sua potencialidade e, ao mesmo tempo, aspectos limitadores. Seu potencial está na nova visão de como aprendemos e como nos relacionamos com o Planeta Terra – o que acontece de forma simultânea –. Assim, a Ecopedagogia se apresenta como uma nova forma de aprendizado conectado com o cotidiano, provavelmente pela grande influência de Paulo Freire (1996) que afirmou que o processo gnosiológico é um fazer que se dá de forma mais eficiente quanto mais perto estão os sujeitos e o objeto do conhecimento. Explicitando de outra forma, afirmou ele, na *Pedagogia da Autonomia* (1996), que ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as condições dialógicas para a produção de novos conhecimentos.

Identificados os autores e autora de referência (GUTIÉRREZ, PRADO, GADOTTI e BOFF) e sabendo de sua principal influência teórica (FREIRE), pode-se estabelecer também que a Ecopedagogia é tributária da Carta da Terra, pois ela emerge e se consolida como uma produção teórica e pedagógica, mas também como uma filosofia latino-americana que se apresenta ao mundo.

É importante, contudo, destacar algumas diferenças entre elas. A primeira é que a Carta da Terra se torna um documento mais universalizante que os princípios da Ecopedagogia. Outra diferença, que me parece importante registrar, é que a Carta da Terra está centralmente preocupada com a relação sociedade-ambiente, enquanto a Ecopedagogia tem uma preocupação centrada na relação sujeito-conhecimento do mundo. Essas diferenças não significam que uma é mais importante que a outra, mas explicitam que o foco dado na produção do documento Carta da Terra e na produção da nova abordagem da cidadania planetária (Ecopedagogia) são próximos, mas distintos.

Aliás, a Ecopedagogia também produziu a sua Carta. No encontro internacional em São Paulo, no Instituto Paulo Freire, em 1999, foi criado o movimento pela Ecopedagogia e escrita a “Carta da Ecopedagogia: em defesa de uma Pedagogia da Terra” (GADOTTI, 2001). Ela é orientada por dez princípios fundamentais:

- 1) a Terra é um organismo vivo, em evolução, interdependente com os seres vivos;
- 2) é necessário mudar o paradigma econômico para um desenvolvimento justo, equitativo na direção do bem-estar sócio-cósmico;
- 3) dependência da sustentabilidade econômica e ambiental a uma consciência ecológica e educativa;
- 4) consciência de pertencimento a uma única comunidade de vida gera solidariedade e cidadania planetária;
- 5) a problemática ambiental cotidiana processa uma consciência ecológica e uma mudança de mentalidade;
- 6) a ecopedagogia não é só para educadores, mas para toda a humanidade em vista da mudança das relações;
- 7) a sociedade planetária exige trabalhar a partir dos contextos da vida e interesses das pessoas;
- 8) reeducar o olhar desenvolvendo atitudes de reversão da cultura do descartável;
- 9) biocultura, cultura da vida, geradora de vida e de harmonia entre os seres vivos e a natureza;
- 10) nova forma de governabilidade, de gestão democrática, ética e participativa associada aos direitos humanos e planetários (GADOTTI, 2010, p. 75-78)

Deste modo, a Ecopedagogia se caracteriza como um movimento pedagógico na perspectiva freiriana, que incorpora a questão socioambiental, não ficando restrita a ela,

avançando na reflexão sobre a relação sociedade-natureza em sua multiplicidade e complexidade de aspectos, tecendo uma crítica contundente ao atual modelo socioeconômico insustentável, ao pensamento moderno e às diversas formas de exploração da vida. O nosso papel, ao estudar e pesquisar a Ecopedagogia, é ser fiel à sua origem e se desafiar a seguir produzindo sobre ela, a partir de seus conceitos-chaves e de suas bases epistemológicas.

## 2. Caminhos da Ecopedagogia

Podemos afirmar que a Ecopedagogia está se fazendo no caminho, ela é a própria caminhada, ela é o processo entre a partida e a chegada. Isso nos permite olhá-la como uma possibilidade de intervenção sócio-pedagógica e ambiental na história. Dizendo de outra forma, temos a oportunidade de nos unirmos aos precursores para produzir juntos o desenvolvimento da Ecopedagogia, a partir de nossas realidades, orientados pelos princípios originários.

Isso não significa afirmar que é preciso mudar radicalmente a Primeira Ecopedagogia. Contudo, muitas transformações sociais aconteceram e estão por vir provocando transformações nas formas de ver e fazer Ecopedagogia.

As transformações já são perceptíveis na produção dos norte-americanos Richard Kahn (2010) e Greg William Misiaszek (2020), bem como nas do australiano Phillip Payne (2017). Eles estão com os pés noutros lugares do mundo, mesmo sendo freirianos, e constroem abordagens da Ecopedagogia a partir do conceito de desenvolvimento. Na América Latina, temos um livro singular sobre a Ecopedagogia que expressa a preocupação da urgência de preservação do Planeta (Zimmermann, 2005). Sabemos que ainda é incipiente a produção na área, mas a revisão de Ruiz-Peñalvez et al (2021) demonstrou que há muitas produções em inglês (na Austrália, nos Estados Unidos e na Europa). Em espanhol ou português a produção é menor e há uma diversidade de abordagens (confundindo Educação Ambiental com Ecopedagogia) que se dissipam em temáticas que não estão aproximadas com as origens da Ecopedagogia. Ou seja: há muito ainda o que produzir sobre Ecopedagogia na América Latina. A própria Cruz Prado vem sinalizando o câmbio de cidadania para *cuidadania*, um neologismo que supera a visão burguesa/sexista de cidadão,

para uma perspectiva do cuidado com todas as formas de vida, anunciada pelas mulheres argentinas com quem dialogava (PRADO ROJAS, 2020).

A Ecopedagogia é uma pedagogia do caminho, que se faz caminhando e, sem pedantismo, é assim que ela vem se constituindo como uma das perspectivas mais crítica de abordagem das relações ser humano e mundo, mas também e principalmente, entre seres humanos e seres humanos no mundo. O que não torna uma tarefa fácil se debruçar sobre ela, pelo contrário, exige de nós a assunção do tema como centralidade de nossas pesquisas e de uma postura “franciscana”, sabendo que não seremos entendidos agora, mas no futuro, quando consolidarmos a Ecopedagogia, esta será um campo de investigação.

Acredito que em ritmo variado, mas consistente, estamos redescobrimo a Ecopedagogia para aprofundar suas raízes (radicalizá-la) e, com isso, talvez em longo prazo (vinte anos, na nossa projeção), construirmos uma Segunda Ecopedagogia, que incorpora a anterior e avança para temas que não estavam na ordem do dia, nem no contexto de origem. Talvez seja essa uma característica intrínseca da Ecopedagogia – e também foi muito de Freire – o constante reler-se, reinterpretar-se, no diálogo aberto e crítico com o contexto concreto, o mundo vivido, a materialidade do real, a realidade-mundo, os lugares de vivência.

Numa tentativa de explicar o que estou afirmando, a figura abaixo demonstra que há uma Ecopedagogia primeira, não há como negá-la, ela tem consistência teórica e está assentada numa base que é uma crítica ao pensamento moderno hegemônico, dialogando com o que havia de vanguarda nos anos 1960-1990. Vinha também na esteira da Educação Popular e de identidade latino-americana, mas dialogava com autores de diversos lugares do mundo, da Física, da Química, da Complexidade, do Marxismo, da Teoria Crítica da Educação, num amálgama inovador e com caminhos bem definidos.

Ao mesmo tempo, o movimento da Histórica permitirá avançarmos para outras Ecopedagogias – no plural –, porque já há núcleos de pesquisadores se organizando e produzindo constantemente sobre o tema, como nunca antes. Tais produções logo se tornarão referências para alavancar mudanças, proporcionando novas concepções do que é a Ecopedagogia – o que, no meu entendimento, é um movimento potente para a constituição de campo de pesquisa e investigação. Se da primeira para a segunda fase foi preciso 30 anos, temos muito chão pela frente!



Fonte da Imagem: elaboração do autor (2022)

### 3. Reinvenção da Ecopedagogia

Esse momento da virada epistemológica e temática da Ecopedagogia, é propício para definirmos o caminho a seguir ou até mesmo para decidirmos que podemos ir por diversos caminhos, resguardar os princípios orientadores originários para criar outros que vão se acoplar ao terceiro momento da Ecopedagogia.

Na produção sobre a qual estamos nos debruçando nos últimos anos, já localizamos três questões centrais que merecem nosso olhar atento e nos levam a crer que a Ecopedagogia pode contribuir para a derrocada do patriarcado, a superação do pensamento moderno dominante e para aprofundar as críticas ao capitalismo.

Há nessas três questões basilares, grandes enfrentamentos e dificuldades a serem superados, visto que somente a produção de pesquisas não será suficiente para mudar aspectos que são estruturais em nossa sociedade. A busca por essa superação não é uma invenção ecopedagógica, mas precisa ser vista como uma pauta que vale a luta, seja na Academia ou fora dela. De modo sucinto, a seguir, como tais questões se apresentam no cenário político-ecopedagógico, a partir dos estudos e elaborações teóricas da Ecopedagogia.

**A - Patriarcado**

Esse é o nome dado a uma forma de dominação masculina branca, cisgênera e heteronormativa (SAFFIOTI, 2004; LERNER, 2019), mas ela se desdobra num conjunto de outras formas de violência de gênero, de cor, de raça/etnia, de classe, de deficiência. Ele foi criado há milhares de anos para justificar socialmente uma supremacia, inicialmente do homem sobre a mulher, que depois foi se ampliando em diversas esferas da sociedade. Trata-se, em última instância, da legitimação da superioridade de uns em detrimento de outros, o que, em si mesmo, já é uma violência simbólica. Portanto, devemos nos colocar em reflexão sobre como podemos desenvolver movimentos contrários à permanência dessa racionalidade e de práticas patriarcais. No que tange às questões ecopedagógicas ele legitima a usurpação dos bens naturais e a destruição da natureza, inviabilizando a reprodução de todas as formas de vida com dignidade no Planeta Terra.

**B - Modernidade**

Com o pensamento cartesiano (embora, não só com ele), uma forma de produção de conhecimentos e de explicar o real é inaugurada e se torna hegemônica. Nesses termos, há a predominância de uma racionalidade que divide os campos do conhecimento no sentido de compreender e analisar o mundo. O que, inicialmente, se apresentou como uma retomada da razão grega, gerou a falência dessa razão. Podemos tomar como expressões mais singulares desse fenômeno as crises humanitárias geradas pelas duas grandes guerras, quando o método científico sectarizou o humano entre razão e emoção (praticamente matando a segunda). Simplificando o complexo e linearizando o cíclico, como forma de pensar e agir no mundo que, segundo Adorno (1995), produziram os campos de concentração. O autor considera tais eventos como as maiores provas de que o projeto da Modernidade faliu, apesar dos grandes avanços científicos. É preciso estabelecermos outras bases, agregar outras dimensões humanas na construção de saídas para a produção de conhecimento, tais como: a emoção, a intuição, a ternura, a amorosidade e a alegria. Em vista de construir novas formas para solucionar os problemas e evitar danos socioambientais precisamos incluir o sentir-pensar como um par potente para a produção de sínteses nos novos tempos.

### C - Capitalismo

Trata-se da forma de organização de processos de trocas, produção e consumo que reflete sobre a própria produção da vida contemporânea. Mesmo que nem sempre tenha sido assim, é necessário admitir que o capitalismo está revestido de uma capacidade incrível de se regenerar após cada crise econômica. A base desse sistema se alicerça na acumulação de riqueza pela alienação do trabalho, na iniciativa privada como princípio ordenador da capacidade empreendedora humana e no fetiche da mercadoria como propulsor do consumo, esses mecanismos geram produção em massa e poluição na mesma escala, destruindo o Planeta, ao fazer uso desordenado dos recursos naturais. As tentativas de criação de alternativas ao modelo tem se mostrado incipientes e este sistema renasce cada vez mais forte. Essas renovações se aliam à precarização do trabalho (ANTUNES, 2018) e a uberização dos trabalhadores (SLEE, 2017). Hoje é possível comprar e vender qualquer coisa, pois tudo se transforma em mercadoria, inclusive a vida humana. Porém, como afirmou Marx (1975), o capitalismo não é eterno, mas uma fase transitória da história, que estabelecerá seu próprio fim ao gerar contradições indissolúveis dentro do sistema de exploração do trabalho e de acumulação de riqueza.

O leitor ou leitora pode se sentir chamado a se unir nessa empreitada acadêmica e escolher por qual caminho quer andar para contribuir na construção de outra Ecopedagogia. Penso que ao tomarmos esses três pilares como crítica ecopedagógica do mundo, nos colocamos no espectro amplo da Teoria Crítica de Educação e de Sociedade, mantendo-nos coerente com os últimos vinte anos de estudo sistemático do pensamento e da práxis freiriana.

A isso chamamos reinvenção, que é o processo pelo qual nos mantemos fiéis às origens, mas ousamos ir além e criar algo novo. É como se ouvíssemos a mesma música, com melodia diferente. A dialética busca fazer a superação do velho, que não desaparece mas é incorporado ao novo, dando origem a outra perspectiva. A contradição é o motor da dialética que nos coloca em movimento criativo e crítico permanente, com seriedade acadêmica e rigorosidade científica.

O processo de produzir a reinvenção da Ecopedagogia é uma ferramenta de luta em busca de uma sociedade mais justa e solidária e de um mundo mais sustentável e a defesa dos Direitos Humanos, a garantia das políticas sociais para as classes mais desfavorecidas, a

opção preferencial pelos pobres torna-se um horizonte, um guia para a construção das nossas trajetórias acadêmicas.

Não cansamos de repetir que: todas as lutas são uma só! A construção desse entendimento também é tarefa dos/das ecopedagogos/as. Não é algo espontâneo, que se faça de qualquer jeito, mas um processo coletivo e coletivizante, que agrega pessoas, que respeita o ritmo de cada um, que instiga ao acompanhamento, mas que não tem ponto de partida e objetivo final. É processo, é caminho que se faz caminhando, passo a passo, mão na mão!

### **(In)Conclusões: sementes...**

Deixo aqui algumas palavras desse caminhar como sugestões para que as pessoas ou grupos que estão lendo esse ensaio ecopedagógico possam contribuir com a reinvenção da Ecopedagogia:

- Primeiro: ir aos textos de referência, ler cada um (já que são poucos), refletir sobre eles, trazê-los para dentro das produções que fazemos, levar para a sala de aula, instigar outros para que também façam tal leitura.

- Segundo: investigar tais textos coletivamente e nos procurem, pois o Grupo de pesquisa Palavração está disponível para debater formas de pensar coletivamente a Ecopedagogia e produzir juntos conhecimentos coletivos. Penso ser mais eficiente do que realizar essa tarefa histórica de forma solitária.

- Terceiro: formar uma rede internacional de pesquisadores/as que se considerem ecopedagógicos, tendo a Ecopedagogia como ponto de partida para TCC, IC, dissertações, teses e pós-doutorados, produzindo conhecimentos consistentes e relevantes sobre o tema.

- Quarto: retomar o evento da Ecopedagogia, centralizando a produção e disseminando as ideias e princípios ecopedagógicos, constituindo-a como um campo de investigação científica.

- Quinto: iniciarmos uma revista internacional, diferente das que existem em função do produtivismo acadêmico, que congregue as produções dos pesquisadores/as da Ecopedagogia de todo o mundo, sendo referência para quem pesquisa sobre o tema.

Esses cinco tópicos podem ser o começo de uma grande revolução ecopedagógica na Academia, lugar privilegiado para produzir conhecimento, além de ser uma tarefa coletiva instituinte de aproximação de um núcleo irradiador de pessoas focadas no mesmo objeto de pesquisa.

Em outras palavras, precisamos fazer um deslocamento do **método** para novos **caminhos** possíveis de inéditos viáveis; superar a ideia fechada de **conceito** e estabelecer novos **horizontes** de conhecimentos; superar o absolutismo da **razão** pela perspectiva dialógica da **emoção** e da **amorosidade** (DICKMANN, 2022).

## Referências

- ADORNO, T. **Educação e emancipação**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1995.
- ANTUNES, R. **O privilégio da servidão: o novo proletariado de serviço da era digital**. São Paulo: Boitempo, 2018.
- BOFF, L. **Saber cuidar: ética do humano, compaixão pela terra**. Petrópolis: Vozes, 1999.
- BOFF, L. **Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres**. Rio de Janeiro: Sextante, 2004.
- DICKMANN, I. et al. Ecopedagogia e Educação Ambiental: entre a essência e a realidade. In: SILVA, José Bittencourt da; CAMPOS, Marília Andrade Torales (Orgs.). **Educação Ambiental: estudos de revisão do campo no Brasil**. Curitiba: Appris, 2022.
- DICKMANN, I. Reinventando a Ecopedagogia: patriarcado, modernidade e capitalismo. **Revista Sergipana de Educação Ambiental - REVISEA**, São Cristóvão, v. 9, n. 1, p. 1-16, set. 2022.
- DICKMANN, I.; CARNEIRO, S. M. M. **Educação Ambiental Freiriana**. Chapecó: Livrologia, 2021. (Coleção Paulo Freire; 05).
- FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1996.
- GADOTTI, M. **Pedagogia da Terra**. 3 ed. São Paulo: Fundação Peirópolis, 2000.
- GADOTTI, M. Pedagogia da Terra: Ecopedagogia e educação sustentável. In.: TORRES, C. A. (Org.). **Paulo Freire e a agenda da educação latino-americana no séc. XXI**. Buenos Aires: CLACSO, 2001.
- GADOTTI, M. **A Carta da Terra na educação**. São Paulo: IPF, 2010.
- GUTIÉRREZ, F.; PRADO, C. **Ecopedagogia e cidadania planetária**. 3 ed. São Paulo: Cortez, 2013.
- KAHN, R. V. **Critical pedagogy, ecoliteracy and planetary crisis: the ecopedagogy movement**. New York: Peter Lang, 2010.

LERNER, G. **A criação do patriarcado**: história da opressão das mulheres pelos homens. São Paulo: Cultrix, 2019.

MISIASZEK, G. **Ecopedagogy**: critical environmental teaching for planetary justice and global sustainable development. New York: Bloomsbury, 2020.

MARX, K. **O capital**: livro 1. 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1975.

MARX, K.; ENGELS, F. **A ideologia alemã**. São Paulo: Expressão Popular, 2009.

PAYNE, P. G. Ecopedagogy and radical pedagogy: post-critical transgressions in environmental and geography education. **The Journal of Environmental Education**, 2017.

PRADO ROJAS, Cruz. Ecopedagogia: cap a una Ciutadania planetaria. **Quaderns d'educació contínua**, n. 44, p. 5-13. 2020. Disponível em: <http://boschiorata.org/quaderns44.html> Acesso em: 10 nov. 2022.

RUIZ-PEÑALVER, S. M. et al. La ecopedagogía en cuestión: una revisión bibliográfica. **Contextos Educativos**, v. 28, p. 183-201, 2021.

SAFFIOTI, H. **Gênero, patriarcado e violência**. São Paulo: Fundação Perseu Abramo, 2004.

SLEE, T. **Uberização**: a nova onda do trabalho precarizado. São Paulo: Elefante, 2017.

ZIMMERMAN, M. **Ecopedagogía**: el planeta en emergencia. Bogotá: Ecoe Ediciones, 2005.

Data do envio: 14 setembro 2022

Data do aceite: 10 outubro 2022